

JERÔNIMO TEIXEIRA

Os dias da crise



Copyright © 2019 by Jerônimo Teixeira

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Daniel Trench

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Thaís Totino Richter

Huendel Viana

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Jerônimo.

Os dias da crise / Jerônimo Teixeira. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3234-8

1. Ficção brasileira I. Título.

19-25998

CDD-B 869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : literatura brasileira 869.3

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Conversavam sobre algo polêmico, e de repente até se inflamaram. Mas para eles era tudo indiferente, e eu via isso, e se acaloravam à toa. De repente desabafei-lhes isso mesmo: "Ora, senhores, para vós, tanto faz". Não levaram a mal, apenas começaram a rir de mim. É que falei sem nenhuma censura, e só porque para mim tudo era indiferente. Viram mesmo que para mim tudo era indiferente e se alegraram muito.

Dostoiévski, *O sonho de um homem ridículo*

Não gosto de ler. Ninguém gosta. Mente quem diz o contrário. Livros são objetos desajeitados, desconfortáveis. Por mais fino que seja o volume (e espero que este seja esquálido), ele sempre exigirá do leitor um tempo dilatado o bastante para que os cotovelos acomodados sobre os braços da poltrona começem a coçar, a doer. A opção de repousar o livro sobre uma mesa tampouco é satisfatória, sobretudo para pessoas altas (tenho um metro e noventa), que se veem obrigadas a curvar a coluna, com resultados às vezes dolorosos (tenho hérnia de disco). E quem foi mesmo que disse que livros e putas podem ser levados para a cama? Ora, putas, se bem escolhidas, não cansam os olhos.

No entanto, leio, li. Frequentei os clássicos que interessam. Não sou o filisteu típico que vegeta nos ambientes corporativos. O Souza, por exemplo. No tempo das vacas gordas, uns bons dez anos antes da minha entrada na empresa, ele havia sido uma lenda da criatividade contábil — ou assim ouvi dizer. Mas faltava-lhe a mais básica das referências culturais.

— Espada do quê?

— Ele está falando do passaralho, Souza.

Na verdade, Vladimir Eollo nunca falava em demissões. Seria capaz de desmontar um departamento inteiro sem usar a palavra “demissão”. Um mês depois do Souza me perguntar sobre a espada que pendia sobre nossas cabeças, um memorando nos comunicou que, de um escritório de sessenta e cinco funcionários, trinta levariam o pé na bunda. A expressão vulgar obviamente não constava do texto; para se referir aos demitidos, Eollo recorreu à perífrase: “pessoas afetadas”.

Garoto prodígio para os tempos de vacas magras, Eollo tentava engordá-las com o pasto gorduroso dos discursos motivacionais. Por um fio: assim vivíamos agora, ensinava o novo CEO na preleção que tanto confundira o Souza (a primeira em que se anunciou para breve o novíssimo Produto). E não era assim só por força do aperto econômico, das oscilações da bolsa, dos caprichos do mercado, da aceleração da tecnologia, mas pela escolha livre do nosso espírito animal. Era imperativo que *desejássemos* viver por um fio. E, quando o fio afinal se rompesse, passaríamos a concorrência pelo fio da espada.

Não foi o que aconteceu. A espada caiu bem na nossa cabeça. Ou, dito mais uma vez de forma vulgar: Eollo enfiou a espada no nosso rabo. No meu rabo, no de Souza, de Antônio Santini, de Roberto Suarez, de Jussara Hansel, da mulher que servia cafezinho — de todos nós. Eollo: desconfio que até o nome era inventado, que ele na verdade teria um sobrenome tão brasileiro e comum quanto o meu. Mendes, Martins, Silva, talvez até Souza.

Era... Se chamava... Errei o tempo verbal. Eollo é o presente, e o passado sou eu. Minha carreira executiva chegou

ao seu melancólico termo cinco meses depois que nosso culto gestor evocou a imagem da espada lendária pendurada por um fio sobre nossas cabeças reais. Demiti-me logo após a revolução que não houve, o junho de 2013, quando estivemos todos nas ruas. (A pessoa plural não é retórica: estive lá, fui o mais improvável dos revolucionários.)

Eollo ainda será o presente por muito tempo. Ele segue carregando de uma empresa para outra o seu nome inventado, a sua marca fantasia. Seu currículo é uma sucessão de desastres, mas ele sempre consegue persuadir, seduzir os acionistas. É um dom, parte da sua natureza — a encantatória conversa furada que para ele vem sem esforço, e que exige só o mínimo de estudo. A lenda de Dâmones, a partir da qual Eollo praticava a prestidigitação com a palavra “fio”, ele a encontrou, tenho certeza, não em Cícero, mas em algum manual de autoajuda empresarial. Fez bem: deve-se sempre buscar as coisas onde é mais fácil encontrá-las. Livros são todos iguais. “Palavras, palavras, palavras”, como dizia aquele acabrunhado príncipe escandinavo. Teufelsdröckh, muito a propósito, usou a frase, se é que isso chega a ser uma frase, como epígrafe de *Power of Powers*.

Mas falarei de John Teufelsdröckh adiante. Primeiro, o aniversário de meu irmão, Fábio, no qual se deu aquele que para mim foi o evento mais importante do ano: meu encontro com Helena.

Não fosse pela cabeleira desgrenhada, a senhora de calça e camisa de corte reto e cores neutras se apagaria completamente junto à mulher com o vestidinho de padrões florais. Mas, enquanto me aproximava das duas, conduzido pelo aniversariante do dia, o cabelo de minha cunhada parecia ocupar todo o horizonte, e eu só via o rosto de sua interlocutora de relance e aos pedaços — um queixo quadrado mas suave e um fino sorriso cuja contenção não permitia a exibição dos dentes eram em poucos segundos obstruídos por aquela maçaroca dançante, e em seguida vinha a compensação de um vislumbre do olhar, grandes olhos atentos e inquisitivos, de que cor seriam?, impossível distinguir, pois agora a massa capilar cinzenta voltava a obstruir minha visão. Já estávamos próximos o bastante para ouvir o que minha cunhada dizia — “... foi um julgamento político, um verdadeiro tribunal de exceção...” —, e eu ainda não conseguira distinguir o rosto da outra em sua inteira beleza.

— Rita, o Alexandre chegou — anunciou Fábio. — Helena, este é Alexandre, meu irmão. Alexandre, Helena, minha nova colega na Letras.

Verdes, os olhos eram verdes. E eu avaliara mal o queixo: arredondado, em total harmonia com o rosto oval, clásico, que se ofereceu jovialmente a um beijo de apresentação. Ela trazia o cabelo castanho arranjado sobre o ombro direito, e o beijo casual que dei em sua face esquerda desejou de imediato escorregar sobre a extensão nua do pescoço que vislumbrei abaixinho. Rita me recebeu com um caloroso mas rápido “tudo bem, querido?” e logo retomou seu discurso. Era professora de jornalismo na ECA e gostava muito de falar não exatamente de política, mas do que a imprensa dizia sobre política. Em uma festa anterior e mais animada, no meu apartamento, ela passou a noite discutindo com o mais extremado de meus amigos, Juliano, que tem um deleite masoquista nesse tipo de embate. Ouvi os dois em silêncio, contando mentalmente o número de vezes em que minha cunhada usava a expressão “controle social” ou similares, e o número de vezes em que Juliano empregava “marxismo cultural” ou similares. Estava 39 a 27 quando decidi buscar outra roda de conversa.

Eu aprendera, no curso de muitos encontros, a jamais discordar de Rita. Imaginei, a princípio, que Helena tomava a mesma cautela: limitava-se a assentir com monossílabos e acenos de cabeça. O caso, porém, é que a compacta torrente verbal da minha cunhada não permitia nem interrupção nem interlocução — tivesse oportunidade de opinar sobre os temas políticos da hora, Helena, eu saberia mais tarde, teria se mostrado até mais carbonária. Quando Rita, no papel de anfitriã, desculpou-se para ir à cozinha dar alguma instrução à empregada, muito naturalmente

abandonamos discussões jurídicas sobre o domínio do fato. Helena me perguntou o que eu fazia.

— Vivo sob a espada de Dâmocles — respondi.

Ela riu da resposta críptica, e me deliciou com sua risada. Adiante, esclareci a natureza do meu trabalho, de forma concisa, para não aborrecê-la, e fiz mais algumas piadas sobre quão ultrapassadas eram minha empresa e minha atividade (nada falei sobre o novo Produto, pois ainda não tinha a menor ideia do que se tratava). Afetar desprezo pelo trabalho era um artifício, parte do jogo. Funcionou. Helena foi abordada por outros homens ao longo da festa, aqueles tipos acadêmicos cujo charme depende inteiramente do cachimbo (não, nenhum deles trouxe de fato o cachimbo: o leitor, por favor, me permita a caricatura), mas não largou mais a minha companhia. Contou do concurso que prestara para lecionar literatura brasileira na USP, e de um concorrente que, chamado a dar uma aula sobre *Dom Casmurro*, falara o tempo todo no personagem *João Dias*, e do baixo nível dos alunos, e da comida ruim nos restaurantes do campus, e do bistrô caro onde se permitiu jantar, sozinha, para comemorar a aprovação no concurso (pediu magret de pato). Ouviu com interesse minhas próprias observações sobre bistrôs e restaurantes, e sobre a mediocridade das novas gerações (ela é mais jovem do que eu, mas ambos temos idade para sermos sentenciosos sobre o tema), e até sobre literatura (não gosto de ler, mas me mantendo inteirado: soube dizer uma ou duas coisas sobre Roberto Bolaño). A conversa às vezes tangenciou aqueles assuntos que tanto inflamam gente como Rita e Julianó, até porque os interesses acadêmicos de Helena não eram exclusivamente literários (uma de suas linhas de pesquisa era sobre “MPB e identidade de gênero”). Mas nosso primei-

ro encontro foi absolutamente singular no estúpido ano de 2013: a revigorante confirmação de que duas pessoas — um homem e uma mulher — ainda podem conversar por horas sem falar da presidente mulher ou do presidente negro, dos golpes da mídia ou do aparelhamento do Estado, de escândalos tucanos ou maracutaias petistas. Naquela noite, fomos monstros de indiferença. Pouco nos interessava a dor das crianças do Nordeste, da Palestina ou do Sudão. Ainda menos nos interessou o aniversário de meu irmão, pois, antes de servirem sei lá que prato regional com carne-seca que minha cunhada julgava muito autêntico e original, removemos da casa em Perdizes os dois únicos convidados que não eram rematados chatos. Bacalhau e vinho em um restaurante português nos Jardins, e de lá fomos até meu apartamento em Higienópolis.

“Selvagem” foi a palavra que usei, na segunda-feira, quando descrevi, para um grupo muito interessado de colegas, a primeira noite com Helena. Mas, ao ser instado sobre os detalhes da selvageria, tive de enfeitar os fatos. Não que Helena houvesse demonstrado inibição. Ocorre apenas que, objetivamente, nada fizemos que parecesse selvagem. As posições a que Helena me induziu eram convencionais. Sempre deixo às mulheres a opção de ocupar, digamos, a liderança — e preciso admitir que esse aparente despreendimento sexual é motivado por minhas condições lombares, a hérnia a que aludi lá na primeira página deste relato. Helena, no entanto, logo deitou-se de costas e me puxou por cima dela. De excepcional, nessa primeira trepada, foi o desempenho verbal de Helena. As obscenidades que ela dizia não me eram desconhecidas — mas, ah, o modo como ela as dizia! De olhos fechados, com um pequeno esforço de concentração, consigo ainda ouvir clara-

mente a voz dela, “vem, me fode agora, com força”, e essa lembrança me eletrifica. “Me fode” não era um pedido: era uma ofensa e um desafio.

Helena não quis passar a noite, embora eu a convidasse (e até certo ponto desejasse, de verdade,vê-la na minha cama na manhã de domingo). Não aceitei que ela chamas-se um táxi; insisti em levá-la a seu prédio, em Pinheiros. Enquanto, no quarto, eu me arrumava para sair, ela descobriu a singular obra de arte que tenho na parede da sala — a máscara criada por Eduardo Bordeiro. Foi um instante — não alcanço adjetivo menos gasto — mágico: em silêncio, eu contemplava Helena, que, em silêncio, contemplava o rosto de porcelana.

— A Máscara da Morte Vermelha, do Poe? — ela perguntou.

— Pode ser — respondi, vago.

Com o indicador, tocando muito de leve a superfície da máscara, ela seguiu o contorno da mancha branca na testa.